

Boa noite,

Para mim, é uma honra participar deste evento com a ONU Mulheres (minha segunda família), e o Comitê Olímpico Internacional. É maravilhoso estar aqui e me juntar aos vencedores do Prêmio Mulheres e Esporte. Quero parabenizar a todas e todos vocês e agradecer por fazerem do esporte um mundo que tem acolhido mais mulheres e meninas.

A minha vida não foi fácil. Eu nasci numa cidadezinha de 11 mil habitantes, no interior do estado de Alagoas, no Nordeste do Brasil, em uma família pobre. Meu pai, como muitos pais até hoje, saiu de casa quando eu tinha menos de um ano de idade e a minha mãe teve que trabalhar muito duro para sustentar meus três irmãos e eu. Talvez, a jornada exaustiva de trabalho, dentro e fora de casa, tenha deixado pouco tempo para ela se incomodar com o falatório das pessoas da cidade sobre o absurdo que era uma menina jogar futebol no meio dos meninos. O preconceito e a falta de oportunidades me doeram muitas vezes ao longo do caminho. Doeu quando os meninos não me deixaram jogar, doeu quando treinadores adultos de times adversários me tiraram de campeonatos, porque eu era uma menina, doeu deixar minha família aos 14 anos de idade para enfrentar três dias de viagem de ônibus, com o dinheiro contado no bolso, e ir morar sozinha no Rio de Janeiro pra jogar futebol profissional. Mas a minha certeza de onde eu queria chegar nunca me deixou desistir.

Eu tenho muito orgulho de cada parte da minha história e sei que o reconhecimento público da minha história de superação foi um dos motivos para que eu recebesse o convite para ser Embaixadora Global da ONU Mulheres para meninas e mulheres no esporte. Aceitei esse convite no ano passado de todo o meu coração para continuar contando a minha história e inspirando outras meninas a persistir. Porque eu não quero ser uma exceção.

O esporte é uma ferramenta muito poderosa para o alcance da igualdade de gênero. No Brasil, as meninas que passaram pelo programa Uma Vitória Leva à Outra, um programa-conjunto entre a ONU Mulheres e o COI, tiveram as suas vidas transformadas e mudaram a realidade ao seu redor. Temos histórias de meninas que concluíram o programa e estão agora jogando em times profissionais; meninas – algumas delas, jovens mães – que conseguiram seu primeiro emprego e estão mudando a vida da família para melhor; meninas liderando grupos em suas escolas para discutir sobre igualdade de gênero e combate ao racismo e meninas ajudando amigas e até as próprias mães a saírem de relacionamentos violentos e buscar ajuda. Essas são as histórias que nós temos a responsabilidade de multiplicar.

Em outubro do ano passado, eu tive o prazer de ir a Buenos Aires visitar um grupo de meninas adolescentes jogadoras de futebol e futuras participantes do programa, lançado em 2018 na Argentina. Ali, no meio do gramado sintético daquela comunidade, na periferia de Buenos Aires, era como se eu me encontrasse comigo mesma, muitos anos mais nova. E elas olhavam para mim como se olhassem para o futuro. E eu disse a elas: “Continuem treinando. Se vocês acreditarem em si mesmas, podem chegar aonde quiserem”. Esse tem sido e será sempre o meu recado para as meninas que se espelham em mim.

Mas para essa audiência internacional de pessoas influentes em suas diversas áreas de atuação, eu preciso lembrar que: nem todas as meninas talentosas, corajosas e persistentes vão chegar aonde eu cheguei. Muitas delas ficaram e muitas delas ficarão pelo caminho, impedidas por barreiras que são muito maiores do que elas mesmas. Quantas terão a força e a sorte de sozinhas superarem tantos obstáculos?

Globalmente, nós assumimos o compromisso de alcançar a igualdade de gênero até 2030. Há muito o que ser feito em tão pouco tempo. Eu convido a cada um de vocês a se unirem a mim,

à ONU Mulheres e ao Comitê Olímpico Internacional, e investir no desenvolvimento das meninas no esporte. É nosso compromisso construir para elas e com elas um mundo em que a igualdade de gênero em todas as áreas da vida não seja mais um sonho, mas uma realidade.

Obrigada.